



# AGORA SOU MEDEIA

---

**LUÍS MESTRE**



---

1

---

# AGORA SOU MEDEIA

PERSONAGENS: Medeia, Jasão, Creonte e Glauce

Algumas porções do diálogo aparecem em parêntesis, e servem para marcar uma pequena mudança de perspectiva por parte do emissor – uma mudança momentânea para um modo mais introspectivo.

---

# AGORA SOU MEDEIA

## ZERO

*Em lugar nenhum. Medeia, de olhos bem fechados. Aos seus pés, um belíssimo manto. Ao fundo, começa a revelar-se um vulto. É Jasão, sem boca. Silêncio.*

## MEDEIA

para que possa  
circular livremente  
entre as três zonas  
cósmicas:  
inferno  
terra  
e céu.  
para que possa  
penetrar impunemente  
nos lugares  
aos quais  
só os mortos  
e os deuses  
tenham acesso.  
para que os espíritos  
que o habitam  
saíam  
e vão apegar-se ao traje novo.  
para que o corcel  
galope  
a uma velocidade  
vertiginosa.  
para que voe.  
para atravessar as três regiões cósmicas.  
para oferecer aos deuses celestes.

para o topo da montanha,  
o umbigo do céu.  
para a Casa do Monte de Todas as Terras.  
para o zigurate.  
pedras  
fogo  
ar  
sangue  
tudo junto  
aqui reside a ciência  
invoco todos os elementos  
*silêncio*  
longe da minha terra.

UM

*O dia nasce. Numa das alas da sua casa, em Corinto, Medeia fala com Hécate, sua mãe, logo após ter cometido o infanticídio. Está em enorme sofrimento. Segura um belíssimo manto. Silêncio muito longo.*

MEDEIA

Mãe...

*pausa*

perdoa-me.

tinha que o fazer.

olha

olha para estas mãos.

elas ainda têm o toque da pele dele,

confudem-se agora com o cheiro a sangue.

estas mãos tocaram

cada centímetro

todo o corpo de Jasão,

elas ainda sentem a pele,

como se tivesse sido ontem à noite.

mas hoje já é manhã

e que dia será.

(onde estás?

concentra-te.)

Mãe,

ensinaste-me a ler as palmas

das minhas mãos

mas agora não consigo

elas são tão diferentes

estão tão diferentes

mas...

*interrompe-se*

eu sei

eu sei o que fazer.

não preciso que me guiem.

eu agi como uma princesa

porque é isso que sou  
não é, Mãe?  
filha de uma rainha.  
de uma grande rainha.  
já passei a primeira das provas,  
foi a mais difícil?

*pausa curta*

ajuda-me agora nas outras.  
(onde estou?  
acalma-te.)  
se eu virar assim a minha cabeça  
consigo ver através da janela,  
mas onde estou?  
que se passa com a minha cabeça.  
ouves o zumbido.  
ouves?  
onde estou?  
tenho que limpar a minha cabeça.  
zambe com montes de pensamentos.  
o ruído no meu cérebro.  
a sede.  
tenho que acordar.  
abrir os olhos.  
o que se passa com a minha cabeça?

*silêncio*

recordo-me agora.  
o meu horror  
foi rapidamente substituído  
por pânico,  
havia qualquer coisa  
silenciosa  
misteriosa  
sobrenatural  
arrepiente  
ali,  
algo de que tenho de me esconder.

aprendi o que queria saber,  
e prometi a mim própria  
que esqueceria  
o mais rapidamente possível.  
mas desde então  
não consigo pensar  
senão naqueles  
descarnados...  
crânios infantis,  
naquelas omoplatas  
perfeitas,  
aquelas frágeis e quebradiças  
colunas vertebrais.  
eu...

*interrompe-se*

eu portei-me como uma princesa.  
porque é isso que eu sou, Mãe.  
sabes onde estou?

*pausa*

seguro as minhas mãos  
defronte dos meus olhos  
mostram-me as linhas das palmas  
primeiro a esquerda  
depois a direita.  
como são diferentes.  
ensinaste-me a ler as linhas.  
mas,  
nem tu Mãe,  
serás capaz de me aconselhar agora,  
posso ver as linhas das minhas mãos  
e rever  
e rever as vezes que quiser  
mas por mais distintas que sejam  
não me dizem nada  
o que fazer ou para onde ir.  
o que é que isso quer dizer, Mãe?

eu posso...  
eu consigo sondar  
os segredos profundos das doenças,  
mas sei fazê-lo melhor  
para curar os outros  
não para me curar.  
deixo-me abandonar,  
Mãe,  
para a febre que sobe pelo meu corpo,  
levando-me por uma onda de fogo,  
e que me revela imagens,  
pedaços de imagens,  
fragmentos, faces.  
onde estou?  
ah,  
é Corinto.  
(terra de europeus).

*pausa*

não foi difícil para mim  
atrair a atenção  
e exigir respeito,  
nesta terra estrangeira.  
já não sou uma mulher jovem,  
mas segundo os Coríntios  
sou selvagem  
irreflectida,  
no que lhes diz respeito  
uma mulher é irreflectida  
se pensa pela sua cabeça.  
estas mulheres assemelham-se  
a animais de estimação.  
um país desconhecido  
estrangeiro  
para mim  
e é assim que ficará  
para sempre.



o que eu fiz  
aquilo que eu fiz  
não o poderão explicar  
mas também não o poderão negar.  
os alicerces desta cidade  
acentam agora  
num acto monstruoso.  
e eu preciso do choque  
para finalizar o meu caminho.  
mas até onde conseguirei ir?

*silêncio*

disseste-me uma vez  
e eu nunca o esqueci,  
que quem quiser  
matar-me  
terá que golpear mais o meu orgulho  
que outra coisa qualquer.  
pois aqui  
nesta terra  
ninguém o poderá fazer.  
a cidade está agora em festa  
este é o dia...  
e logo será a noite  
de núpcias.  
ah Jasão,  
ainda te sinto.  
cá dentro.  
como pudeste fazê-lo.  
partilhar a tua pele,  
com essa...  
filha de um rei.  
ah Jasão,  
como pudeste  
deixar as crianças  
assim.  
quero que as minhas mãos

que as linhas das minhas mãos  
sejam guiadas  
pelo odor do teu corpo  
pela textura da tua pele.  
ah Jasão...

eu...

que nunca quis ser mãe  
tive os nossos filhos contigo  
filhos que já não são.  
olha para as minhas mãos  
podes ver nelas  
aquilo que nos unia  
dentro dos seus corpos:  
o sangue que era delas  
teu  
e  
meu.

*pausa longa*

olho pela janela  
já é manhã  
os gritos de festa ecoam pela cidade,  
ouves, Mãe?  
o dia será longo  
a espera dolorosa  
ainda não é o momento.  
quando o sol cair  
saírei à rua.  
até lá  
limparei o ruído do meu cérebro  
o zumbido dos meus pensamentos.  
ouves o zumbido, Mãe.  
ouves?

## DOIS

*Creonte, numa das salas do seu palácio, em Corinto. Uma sala onde as paredes estão completamente escondidas por espelhos de todos os tamanhos e feitios.*

CREONTE

marquei a história desta cidade.  
este dia  
esta festa  
este casamento  
a cidade em festa  
toda a cidade.  
nada poderá alterar  
a marca familiar  
que agora  
este estado tem.  
herdou de mim.  
este casamento  
será lembrado  
e contado  
passará de gerações em gerações.  
hoje é um dia de festa.  
o sol põe-se agora.  
mais um dia  
prestes a terminar  
nesta vida pesada.  
quantos anos já passaram?

*pausa*

a meia luz  
as minhas rugas  
parecem sulcos  
como um olival  
longos sulcos  
de Delfos  
até ao mar.  
como gostaria de viver

muitos mais anos  
estes anos.  
estes serão os melhores anos.  
esta cidade  
transformar-se-á.  
uma nova Atenas.  
a minha identidade fundir-se-á  
com Corinto.  
ai... quantos mais anos  
terei.  
quantos mais poderia ter.  
deveria ter.

*pausa*

Creonte e Corinto...  
Creonte é  
Corinto.

GLAUCE *entrando*

Pai...  
ela não cumpriu o decreto.  
e agora está  
na festa.  
toda a gente fala dela.  
e pediu para te ver.

*silêncio*

Pai...  
porque veio ela aqui  
para me humilhar.  
a cidade vai zombar de mim.

*pausa*

onde estão os teus homens  
os teus soldados?

*silêncio*

quero...  
quero sangue.  
carne e sangue.

o dela.  
é esse o  
o meu presente  
de núpcias.  
quero que esta cidade  
a terra debaixo desta cidade  
prove o sangue bárbaro.  
quero que o fogo  
lhe transforme a carne em cinzas.  
e que as cinzas se juntem ao sangue  
bem fundo  
bem debaixo dos alicerces da cidade.  
*silêncio*

CREONTE  
manda-a entrar.  
*silêncio*

GLAUCE *sai*  
*silêncio*

CREONTE  
(és uma mulher inteligente, Medeia  
mas eu não tenho medo de ti.)

MEDEIA *entra, segura um belíssimo manto*  
*silêncio*

CREONTE  
peço-te que saias  
e que leves os teus filhos para longe daqui.  
vai  
e não pares  
nem te voltes  
para uma última mirada a esta cidade.

MEDEIA

porque me mandas embora?  
eu que nada te fiz  
nem aos teus,  
que aceitei  
pacificamente  
o teu desejo  
desta festa.  
este festejo.

CREONTE

temo  
pela minha filha.  
temo  
pela minha cidade.  
não me faltam motivos de temor.  
és astuta  
e conhecedora  
de mundos  
que são desconhecidos  
para os demais mortais.  
e agora  
és uma mulher torturada.  
corre por toda a cidade  
que ameaçaste  
num dos teus prantos  
num dos teus lamentos agudos  
que castigarias  
o teu marido.  
protejo-me disso.  
e aos meus.  
agora vai-te.

MEDEIA

a minha fama precede-me.  
e tem-me causado

bastantes males,  
eu sei.  
aquilo a que chamas  
mundos desconhecidos  
esta ciência  
faz com seja objecto  
de inveja e troça.  
mas,  
para outros,  
tenho um carácter amável  
e para outros ainda  
ainda é outro o meu carácter.  
para os que sobram  
sou desagradável.  
e não sou assim tão astuta.

*pausa*

então, tens medo de mim.

*pausa*

olha-me.

sou apenas uma mulher  
uma estrangeira.  
com um manto nos braços.  
também temes o manto?

*pausa*

não me fizeste nenhum mal.  
cuidaste dos teus.  
deste a tua filha ao melhor homem da cidade.  
a esse meu esposo,  
é ele que eu desprezo.  
mas peço-te  
que me deixes ficar.  
que os meus filhos  
fiquem junto do pai.  
e cresçam perto dele.  
prometo  
vivemos calados.

sem queixumes  
nem contestações.

CREONTE  
surpreendes-me  
com as tuas palavras.  
são ternas e racionais.  
mas temo que a tua alma,  
caminhe numa direcção oposta.  
onde estão os teus filhos?  
se os tivesses contigo  
estariam agora mais perto do pai.

MEDEIA  
não os quis aqui  
a ver uma mãe suplicante.  
também tenho o meu orgulho.

CREONTE  
vai-te embora o mais depressa possível.

MEDEIA  
suplico-te.

CREONTE  
não gastes palavras.

MEDEIA  
expulsas-me,  
não atendes à minha prece?

CREONTE  
prefiro a minha casa  
e a minha cidade.



MEDEIA

já não me resta nenhuma pátria.  
não tenho para onde ir.

CREONTE

vai-te.

MEDEIA

peço aos deuses que me são caros...

CREONTE

não te poderão salvar.

MEDEIA

...que me ajudem nesta hora.

CREONTE

serás levada à força.

MEDEIA

não,  
isso não.

*silêncio*

peço-te então  
algumas horas.  
apenas o tempo  
de me preparar  
de preparar os meus filhos.  
e decidir para onde iremos  
prometemos não olhar para trás.  
tem pena deles.  
o pai não se prestou a prepará-los  
para a despedida.

*pausa*

Creonte,  
também és pai.

sê bondoso.  
umas horas apenas.  
ajuda-me não a mim,  
mas aos meus.

*silêncio longo*  
deve haver algo que possa dizer  
ou fazer  
que te faça ceder.

*pausa*  
já não te peço para ficar.  
peço-te apenas uma réstia de tempo.  
*silêncio*

CREONTE

rumores  
são apenas rumores que chegaram a esta cidade  
mesmo antes de ti:  
é verdade que rejuvenesceste o pai de Jasão?

MEDEIA

Éson é seu nome.  
sou portadora desse tipo de ciência, sim.

CREONTE

como o fizeste?  
a quem tiraste os anos para lhe dar?

MEDEIA

Jasão queria transferi-los.  
esse é um processo proibido.

CREONTE

como o fizeste então?

MEDEIA

cortando-lhe a garganta.

e ressuscitando-o de seguida.

*silêncio*

CREONTE

por certo não o fizeste sozinha.

MEDEIA

não são permitidas testemunhas.

*silêncio*

CREONTE

quantos anos rejuvenesceu?

MEDEIA

os suficientes para ser confundido

como gémeo falso de seu filho.

*silêncio*

CREONTE

Medeia,

sabes bem que não sou um tirano.

e embora vá contra a minha natureza,

serei compassivo com os teus.

o tempo que me pediste ser-te-á concedido.

terás até ao nascer do sol.

quando este astro acordar quero-te já

a uma distância superior a dez léguas imperiais.

assim não serás vista dentro dos limites desta terra.

pois se isso acontecer,

seja no final das horas que te dou,

ou nos muitos anos que esta cidade terá de vida

a tua sentença será a morte.

*pausa*

e por fim, em troca,

quero os teus préstimos como...

cientista.

*pausa*

rejuvenesce-me.

mas não penses que me enganes.

se ficar sem vida,

perderás também a tua.

e agora vai.

prepara-te pois mandar-te-ei chamar.

MEDEIA

a ciência não permite que o faça aqui.

CREONTE

como assim?

MEDEIA

a este da cidade

há uma pequena floresta.

no seu centro,

uma clareira.

estarei lá

assim que as núpcias terminarem.

*sai*

## TRÊS

*Nos seus aposentos. Glauce está sentada, em silêncio, algo perturbada.*

JASÃO *entrando*

procurei-te por todo o palácio.

não sabia que me esperavas aqui.

teria sido mais lesto...

*interrompe-se.*

*pausa curta.*

*envolve-a energicamente com os braços*

*e beija-a sofregamente*

*durante um longo momento.*

*Glauce corresponde inicialmente,*

*mas depois pára de o beijar,*

*desviando um pouco a face.*

*Jasão fica surpreendido.*

*silêncio*

GLAUCE

ela está cá.

JASÃO

quem?

GLAUCE

*silêncio*

JASÃO

Medeia?

GLAUCE

sim.

JASÃO

e o decreto?

GLAUCE  
ignorou-o.

JASÃO  
não faças nenhum escândalo,  
Glauce,  
não hoje.  
sabes o que está em jogo.  
o rei não pode ficar mal-visto  
diante dos convidados.

GLAUCE  
tens sempre uma resposta pronta.

JASÃO  
quero que aplaques a tua...

GLAUCE *interrompendo-o*  
ela faz o meu sangue ferver.

JASÃO  
onde está agora?

GLAUCE  
pediu que o meu Pai a recebesse.  
ele assim fez.

JASÃO  
vai expulsá-la.

GLAUCE  
já desobedeceu uma vez.  
quantas mais o fará?

JASÃO  
não perceb...

GLAUCE *interrompendo-o de novo*  
ela segurou-te nas mãos antes de mim.  
e gerou rebentos.  
este  
é um dia único  
o mais feliz  
da minha vida.  
a nossa vida.  
esta estrangeira  
ilegal  
é para mim um embaraço.  
olha  
para o nosso futuro leito...  
não o quero assombrado.  
apenas isso.  
será esse o teu dote.

JASÃO *silêncio longo*  
sonhei esta noite.  
estava num lugar  
que era lugar nenhum.  
e ela estava lá.  
a falar uma língua antiga  
que eu não entendia.  
sons estranhos saíam-lhe  
da boca.  
chamei-a mas a minha voz não se ouviu.  
nem eu a ouvi.  
havia um som abafado  
um zumbido  
que fazia com que...  
havia um calor abafado  
que fazia com que...

havia...  
fazia com  
que...

*silêncio*

ela continuava lá.  
e... sem dar conta,  
num momento,  
num instante,  
vi sangue  
sangue nas minhas mãos.  
sangue que não era meu  
mas que me pertencia.  
que não era vermelho  
mas azul.  
e senti uma dor lancinante  
aqui  
na cabeça  
onde a carótida termina.

*silêncio*

temo por nós.  
temo por ti.

GLAUCE

meu amor,  
não temas.

JASÃO

falarei com ela,  
uma última vez.

GLAUCE

não será necessário convencê-la...

JASÃO *interrompendo-a*

farei com que me oiça.

*pausa*



ainda esta noite.

*pausa.*

*sai*

GLAUCE *silêncio*

é tarde demais.

será transformada

em cinzas.

a meu pedido.

(a nosso

pedido.)

*silêncio*

não não não não não

o que fui eu fazer

o que fui eu...

*interrompe-se.*

*chamando-o*

Jasão...

*silêncio longo*

desta noite

em diante

que os meus ouvidos que sejam moucos

ao ouvir o nome dela.

## QUATRO

*Numa das alas da sua casa, em Corinto. Medeia espera, sentada. Fala com Hécate, sua mãe. Ao seus pés, um belíssimo manto. Silêncio muito longo.*

MEDEIA

Mãe,

a espera dói.

ensaio novos cadáveres

vezes e vezes na minha cabeça.

por ordens diferentes.

a quem dar a morte em primeiro.

quem ficará por último.

apago constantemente uma vontade iminente de...

enfiar uma espada afiada no coração dos noivos

deitar fogo ao palácio

e queimar aquele leito nupcial.

mas a altura não é propícia

decerto apanhar-me-iam a entrar na casa real

e depois seria motivo de chacota por toda a cidade.

para além do mais, teria a morte como fim.

o melhor é, pacientemente, urdir este plano

pela via em que sou mais sábia,

a da ciência.

consulto as minhas mãos

e não vejo o fim.

não vejo uma cidade

não vejo hospitalidade

não há ninguém

não há um porto seguro.

mas coragem,

não me pouparei.

no final de tudo

terei o meu cérebro limpo de ruído.

o zumbido fora dos meus pensamentos.

ouves, Mãe.

É ele.

JASÃO *entra*

*silêncio*

porque não me largas a mão?

*silêncio*

MEDEIA

cobarde dos cobardes.

injúrias assim a tua mulher.

*pausa*

fui eu que te salvei

quando foste lavrar aquele campo mortífero

com aqueles dois touros monstruosos

indomáveis

com cascos de bronze

e fogo pelas narinas.

fui eu que te salvei

quando tentaste semear

os dentes do dragão

que fora morto por Cadmo.

fui eu que te salvei

quando a seara de soldados

cresceu para te matar.

fui eu que...

*interrompe-se.*

*pausa*

tu conhecestes o rei,

meu pai.

tive que lidar com aquilo que ele era,

dentro de mim.

(não me traías, minha filha.)

eu sabia que tu querias o velo de ouro.

o meu pai,

o rei,

não o queria dar,

também o sabia.  
não perguntei porquê.  
o meu dever era  
ajudá-lo  
a fazer ceder  
um homem inofensivo.  
tu.  
a qualquer preço.  
eu vi onde ele tinha imposto esse preço,  
demasiado alto,  
para nós todos.  
a coisa que me restava fazer  
era traí-lo.

*pausa*

fui eu que sacrifiquei  
Apsirto  
o meu irmão  
cortando-o em pedaços  
atrasando a ira e perseguição  
que o meu pai nos movia  
salvando assim a nau Argo.  
foi então que ouvi  
pela primeira vez  
a palavra refugiada.  
para os Argonautas  
éramos refugiados.  
o meu coração doía.  
eu traí a minha família.  
perdi a minha pátria.

*pausa curta*

agora,  
só desejo  
que nunca tivesses chegado à Cólquida.

JASÃO

não cessarás nunca

de dizer que sou o pior dos homens?

MEDEIA

tu,  
que me atraíste  
e que contrais novas núpcias  
tendo filhos.  
se ainda ao menos  
não os tivesses,  
a um homem sem descendências  
seria...

*pausa curta*

perdoável aquilo que fizeste.  
(já esqueceste o juramento.)  
sim, para mim,  
és o pior dos homens.  
mas vamos,  
conversarei contigo,  
como se ainda fosses meu amigo.

JASÃO *pausa*

esta não é a primeira vez  
que te vejo envolta em cólera.  
este país seria o teu,  
não fosse a tua contestação  
aos mandamentos e leis dos mais poderosos.  
mas pelas tuas palavras,  
o decreto surgiu:  
a todos os estrangeiros  
e seus descendentes  
três dias para abandonar a cidade,  
não contando o de hoje.  
acredita que tentei dissipar  
a ira das tuas palavras junto dos soberanos,  
pedi-lhes que te deixassem ficar.  
e tu sempre a dizer mal.

e agora, o decreto que não cumpriste.

*silêncio*

porque foste ao palácio?

perder o teu orgulho e suplicar

para ficares?

*silêncio*

pois eu também venho agora

aqui,

visto que o meu pecado não é o orgulho...

MEDEIA

é a luxúria...

JASÃO

...pedir-te que te vás e não voltes.

MEDEIA

é assim mesmo.

vou-me embora.

voltar para a casa paterna

que traí pelo meu amor por ti.

ou preferes que vá para junto das orfãs de Pélias,

depois do que lhes fiz ao pai,

havam gostar de me ver.

aos meus,

tornei-me odiosa,

e nos que não devia ter feito mal,

criei inimigos.

tudo por ti.

que marido admirável.

e pai.

já que abandonas os teus filhos.

que homem honrado

é este recém-casado.

JASÃO  
falaste neles,  
os nossos filhos,  
onde estão eles?

MEDEIA  
criaste um súbito interesse por...

JASÃO *interrompendo-a*  
quero vê-los.

MEDEIA  
não podes.

JASÃO  
porquê?

MEDEIA *silêncio curto*  
vês este manto?  
ajudaram-me a bordá-lo.  
para o pai que...  
*pausa curta*  
está longe.  
é teu.  
peço-te que o leves.  
*silêncio*

JASÃO  
tudo o que fiz,  
foi com a ideia de os ajudar.

MEDEIA  
não percebo  
como isso pode ser possível.

JASÃO

desde que saí de Iolcos  
minha terra natal  
e que aqui cheguei  
transportei montes de desgraças.  
e para as colmatar,  
que melhor coisa para um exilado,  
que desposar a filha do rei?  
não por te odiar  
ou abominar,  
ou mesmo pelo desejo  
de um corpo mais jovem  
mas com a aspiração de nos proteger.  
os amigos fogem de quem é pobre,  
de quem sofre privações,  
como nós,  
e eu,  
para que pudéssemos viver bem,  
decidi que o melhor  
seria dar-lhes irmãos.  
assim as crianças de ti nascidas,  
estariam no mesmo grau,  
dos novos rebentos  
e  
com essa aliança,  
seríamos felizes.

*silêncio*

para que precisas tu de filhos?  
o que importa é que  
os que estarão para vir  
ajudarão os que já cá estão.

*silêncio*

pensei mal?

*silêncio*

mas tu,  
preferiste deixar abrir



uma ferida no teu orgulho.

MEDEIA

tens uma lacuna nesse plano.

JASÃO

qual?

MEDEIA

se não tivesses maldade alguma,  
farias esse casamento  
depois de me teres convencido.

JASÃO

e tu,  
pacificamente,  
terias favorecido essa proposta.  
tu,  
que agora  
não acalmas essa ira.

MEDEIA

isso não te deteve.

JASÃO

pois digo-te:  
não é por amor  
que faço esta nova aliança.  
esta aliança real.  
mas como te disse,  
com a vontade de te salvar  
e aos nossos filhos.  
mas tu deitaste tudo a perder.  
tu que tiveste a oportunidade  
de viver nas terras dos helenos  
em vez da dos bárbaros.

(quem não seria europeu,  
se pudesse?)  
todos os gregos te conhecem,  
ou pelo menos conhecem o teu nome,  
se habitasses nos confins da terra,  
ninguém falaria de ti.  
poderias ter tudo,  
se fosses mais sensata.

MEDEIA  
simplesmente não aceitei  
essa vida de dor.

JASÃO  
o que é útil  
não é doloroso.  
nem te trará a infelicidade,  
visto que a utilidade aqui  
é a fortuna.

MEDEIA  
mostras-te arrogante.  
tu,  
que tens um tecto  
real.  
eu,  
tenho que me evadir desta terra.

JASÃO  
foi esse o decreto que redigiste.  
*silêncio*  
se algum auxílio pedires  
para ti ou para os nossos filhos  
ou para a partida,  
digo-te,  
estou pronto a dar a minha mão.

MEDEIA

não pedirei coisa alguma.

e agora vai-te.

vai celebrar as tuas núpcias.

*JASÃO veste o manto e sai*

MEDEIA

vai

vai.

depois de terminarem as núpcias

já perto do leito

saberás o destino

da tua aliança real.

agora aguardarei emboscada

que o tempo passe.

## CINCO

*Nos seus aposentos, após o término do festejo. Glauce espera Jasão.*

GLAUCE

finalmente,  
arranquei-o dos braços daquela mulher.  
ah Jasão,  
agora és meu.  
o juramento foi feito.  
nada nos separará.  
teremos todos os herdeiros  
que desejares.  
será uma nobre casta.  
sangue guerreiro  
com  
sangue nobre Coríntio.  
agora que aquela mulher  
já não o é,  
cujo nome me é inaudível  
e que já esqueci,  
podemos celebrar  
a noite de núpcias.  
a partir de agora  
dormiremos juntos,  
Jasão.  
oiço a cidade  
a acalmar-se.  
as festas terminaram.  
onde estás?  
porque te demoras?  
agora que vem a noite,  
sabes que te espero  
e que te desejo  
cada vez mais  
a cada momento que passa.

sou fogo, Jasão.

sou fogo.

*pausa curta*

parece-me ouvir passos...

*escuta.*

*silêncio*

são passos, sim.

os seus.

aí vem ele.

## SEIS

*Na floresta, a este de Corinto. Creonte, munido com uma luz de fogo, procura a clareira.*

CREONTE

tudo correu como esperava.  
as núpcias terminaram  
sem mais sobressaltos.  
a história de Corinto está traçada.  
por mim.  
nunca esta cidade  
teve  
ou  
terá  
um reinado tão longo.  
com um rei tão  
eternamente jovem...  
e belo.  
serei quase imortal.  
marcarei a memória  
de gerações de cidadãos.  
os meus netos  
parecerão meus filhos.

*silêncio*

mas afinal onde estou.  
e onde está essa maldita clareira.

*silêncio*

Medeia.  
Medeia?

MEDEIA  
aqui.

CREONTE  
uh?

MEDEIA *aparecendo, segurando um punhal*  
aqui,  
Creonte.

CREONTE  
devo dizer-te  
que tenho esta floresta  
completamente cercada.  
a tua vida  
dependerá da minha.

MEDEIA *aproximando-se dele*  
não temo,  
confio na minha ciência.

CREONTE  
e agora?

MEDEIA  
e agora?  
*levantando o braço, para desferir o golpe*  
a tua garganta.

## SETE

*Numa das alas da casa de Medeia, em Corinto.*

JASÃO *fora de cena, em enorme sofrimento. gritando*  
ME-DEIA.

*entrando*

onde estás?

*grita*

ME-DEIA.

*silêncio.*

*ajoelha-se ao lado da cadeira onde Medeia esteve sentada.*

*silêncio longo*

assim que cheguei ao leito nupcial

ela, cheia de desejo,

finalmente,

agarra-me para unir os nossos corpos.

já há muito

que

esperava este momento.

albergar-me no delicioso ventre

que a princesa desta terra

possui.

um corpo novo

por um velho e gasto.

mas quando...

mas quando ela decide

pôr-me a descoberto,

começando por me tirar

o manto que me cobria...

então um espectáculo terrível se pôde ver:

a cor muda-lhe,

os membros tremem e

a todo o custo

tenta escapar do leito

e do manto que agora a envolvia.



até que tomba por terra,  
soltando ao mesmo tempo,  
um gemido pavoroso,  
como que um zumbido.  
que ainda ecoa na minha cabeça.  
assim que me aproximo dela,  
vejo sair-lhe pela boca  
uma alva espuma,  
os olhos em branco  
as meninas tinham desaparecido,  
e o corpo exangue.  
o zumbido ressoava agora por todo o palácio.  
e de repente,  
silêncio.  
e no meio deste silêncio,  
despertou,  
e olhou-me como um último fôlego.  
e foi então que,  
o manto se transforma em chamas,  
largando uma torrente mágica de fogo  
consumidor de pele e carne.  
o corpo dela estava a ser lacerado.  
corpo que se apresentava agora  
como um cadáver,  
que não consegui tocar.  
estava completamente irreconhecível.  
já lá não estavam a beleza do seu rosto,  
a bela forma,  
e a nobreza da sua pele.  
mas sangue e fogo.  
um espetáculo pavoroso.  
tentei aproximar-me do  
já velho corpo  
mas o medo fora a minha sorte.  
jazia ali o cadáver da noiva real.  
*silêncio.*

*gritando*  
ME-DEIA.  
rainha dos horrores.  
se ainda estiveres debaixo deste tecto  
não haverão forças ocultas  
que te salvem das minhas mãos.

*grita*  
ME-DEIA.  
*levanta-se e sai. grita de novo*

ME-DEIA.  
*entre silêncios e gritos por Medeia,*  
*percorre as outras divisões da casa*  
*até que encontra os seus filhos assassinados.*  
*solta um enorme, longo e pavoroso grito*

MEUS FILHOS.

MEUS

FILHOS.

*reentra agoniado e cambaleante.*  
*traz agora parte das suas vestes ensanguentadas.*  
*em sofrimento*  
*cai e vomita.*  
*arranca parte das vestes ensanguentadas*  
*e deita-se já sem forças.*  
*silêncio*

meus  
queridos  
filhos.

*geme.*  
*silêncio longo*  
percebo agora,  
que os meus dias chegam ao fim.  
já nada me resta,  
excepto deixar esta vida.  
seguir a minha noiva  
e os meus filhos  
para o túmulo.

## OITO

*Na floresta, a este de Corinto. Creonte está deitado, aparentemente morto. Silêncio. De repente, meio aturdido, começa a mexer-se e muito lentamente, levanta-se. Como reflexo, coloca a mão na garganta. Percebe que ainda vive. Tem parte da cabeça e das suas vestes com sangue misturado com algo viscoso, que parece ser um líquido amniótico.*

CREONTE REJUVENESCIDO com as mãos, tocando no seu pescoço e depois na face. pausa. grita

GUARDAS.

GUARDAS.

*a floresta começa a ser invadida por luzes de fogo.*

*ouvimos os guardas a aproximarem-se*

a luz do dia

brilhará de uma forma mais

aprazível.

agora que estou bem

serei mais solícito em cuidar

da minha saúde

do que melhorar quando estou doente.

*pausa*

vaidade das vaidades:

tudo é vaidade.

(um espelho...)

um espelho.

(a minha cidade e um espelho.)

## NOVE

*Fora dos limites da cidade, a este de Corinto. O dia nasce. Medeia olha, pela última vez, para a cidade de Corinto.*

MEDEIA

o dia nasce,  
já a mais de dez léguas imperiais,  
como se fez a combinação.  
a minha vingança está feita.  
o castigo está completo.  
a cidade jaz agora em ruínas,  
está transformada num cemitério.  
governa agora,  
Creonte Rejuvenescido.  
governa, se souberes,  
por muitos e muitos anos.  
aos meus filhos,  
aqueles que gerei,  
que estão noutro género de vida,  
espero que me perdoem.  
mas não podia deixar-vos  
à insolência de estranhos.  
era absoluta a necessidade  
de vos matar,  
e já que era forçoso,  
quem melhor para o fazer  
do que aquela que vos gerou.  
a Jasão...

o amor de uma mulher por um homem  
explica e desculpa tudo.

*silêncio*

silêncio.

*silêncio longo*

a tudo o que fiz até agora  
chamo-lhe

obra de caridade...

*pausa*

agora sou Medeia.

*pausa curta*

a minha natureza cresceu pelo sofrimento.

# COPYRIGHT

---

© LUÍS MESTRE 2010  
luismestre.com  
luismestre2001@gmail.com  
luismestre2010@gmail.com

# ISBN

---

ISBN 978-989-98123-3-8